

# Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Dezembro 1990



# Na Noite Azul do Teu Aniversário

Na noite azul do teu aniversário,  
volto no tempo para Te adorar,  
e vejo-Te tão pequenino e lindo  
que sinto vontade de orar, sorrindo,  
como se fosse um canto de ninar.

É sublime saber-Te onipotente,  
Senhor dos mares, da terra e do céu,  
e ver-Te assim tão frágil e dependente,  
como se fosse um irmãozinho da gente  
ou um anjinho que do azul desceu.

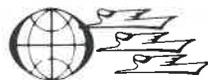
E eu venho assim sem um presente,  
nada além da singeleza desta prece.  
Mas onde poderia achar  
algo digno de Te ofertar,  
que fosse meu e não Te pertencesse?

Perdoa, pois, Senhor, se no Teu dia  
eu compareço assim de mãos vazias  
e ainda me atrevo a uma petição.  
Mas, Senhor, o meu desejo é santo:  
queria, Senhor, queria tanto  
que Tu nascesses em cada coração.

Para que o mundo mau se transformasse  
num prenúncio do céu, numa mansão de luz,  
onde homens, mulheres e crianças  
cantassem num ritmo de esperança:  
Hosana no céu, paz na terra —  
Natal de Jesus!...

*Myrtes Matias*  
In *Presente para o Menino*, JUERP

## Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Dezembro de 1990

Ano L • N.º 525

**DIRECTOR:**

J. Morgado

**REDACTORA:**

M. R. Baptista

**PROPRIETÁRIA E EDITORA:**

Publicadora Atlântico, S.A.

**REDACÇÃO E  
ADMINISTRAÇÃO:**

Rua Joaquim Bonifácio, 17

1199 Lisboa Codex

Telef. 542169

**PREÇOS:**

Assinatura Anual 750\$00

Número Avulso 75\$00

**EXECUÇÃO GRÁFICA:**

Santos & Costa, Lda.

Vale Travelho • Pedreiras

2480 Porto de Mós

Telef. (044) 402413

Depósito Legal n.º 2705/83

## Sumário

- 2 Na Noite Azul do Teu Aniversário**  
Myrtes Matias
- 3 Um Mundo que carece de um Salvador**  
Por J. Morgado
- 4 O Natal e a Dádiva Inestimável**  
Por M. N. Cordeiro
- 5 Nós o Veremos nas alegrias da verdadeira adoração e observância do Sábado**  
Por George Brown
- 7 Ânimo no Senhor**  
Por Enoch de Oliveira
- 8 Os Sacramentos em face das Sagradas Escrituras (Parte II)**  
Por J. M. Matos
- 10 Depois de 1990: Sombras e Claridades**  
Por G. Stéveny
- 11 Bicentenário da Ilha de Pitcairn**  
Por Ron W. Taylor
- 13 Duas Boas Amigas**  
Por Mariana Palma
- 14 Notícias do Campo**

# Um Mundo que carece de um Salvador



Quantas vezes se fala, nestes dias, nesta época, no nome de Jesus! Um Jesus nascido num lugar impróprio

do Rei dos Reis e Senhor dos Senhores. E quantos destes pensamentos acerca deste Jesus estão ligados a festas, a comida, a alegria...

Esquecemos, no entanto, que há um outro mundo, bem perto de nós, à nossa volta, que nos chama a realidades bem tristes — o mundo dos doentes, dos incapacitados, dos pobres, dos desalojados. E que mundo enorme é este! É um mundo que não está ligado a festas, a comida, a alegria...

E estes dois mundos, que na realidade são um único, têm necessidade de um Salvador amoroso, dum Salvador vivo, que constantemente esteja ao seu lado para os ajudar.

Quantas crianças morrem de fome anualmente! É um número impressionante: 18 por minuto! Crianças que morrem sem conhecer aquele doce Rabi da Galileia que dizia aos Seus discípulos: «Deixai vir a mim os meninos!» Quão bom era ter um encontro com Ele! Talvez às

portas da cidade de Jairo, onde Ele Se cruzou com um cortejo fúnebre do único filho da viúva. Aquele encontro fez com que um cortejo fúnebre onde havia lágrimas, dor e desespero se transformasse num cortejo em que a alegria, o júbilo e o agradecimento se misturavam. E isto porque aquele Rabi disse a um jovem: «Levanta-te, anda!» Que mudança!

Quantas famílias vivem em lugares assolados pela guerra, onde as casas são destruídas, os campos abandonados, as fábricas paradas. Para esses, o meigo Rabi continua a dizer: «Tende bom ânimo!»

Aqueles que estão nos leitos de dor, nos hospitais ou nas suas casas, que sofrem, que choram de dor e desespero, que sofrem o abandono daqueles que os poderiam acompanhar e animar, podem também escutar a Sua voz que continua a dizer: «Eu te amo!»

Para o mundo inteiro era necessário que fosse Natal todos os dias, que os homens fossem humildes cada dia, bondosos, fiéis, que verdadeiramente se amassem uns aos outros, cada dia. É por isso que este mundo tem necessidade dum Salvador

vivo, que esteja continuamente ao nosso lado. Um Salvador que nos conhece, que sabe onde estamos e o que sofremos.

Quão bom é saber que quando estamos sós, Alguém nos faz companhia; que quando estamos doentes, Se abeira da nossa cabeceira; quando estamos sem trabalho, o busca ao nosso lado; quando não podemos andar, caminha por nós. É este o Salvador que nasceu em Belém e que o mundo relembra nesta data.

Creio que há uma mensagem das Sagradas Escrituras que normalmente é apresentada de maneira errada, mas que resume, todos os anos, toda a boa vontade para com os homens e que foi um cântico de alegria que soou nos campos sossegados de Belém:

«Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo: pois na cidade de David, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor.»

«Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens!» (Lucas 2:10, 11 e 14).

*J. Morgado*

# O NATAL É A DÁDIVA INESTIMÁVEL

**L**ogo que Eva e Adão pecaram, Deus prometeu enviar-lhes o Messias que redimiria a sua falta e os restabeleceria no Éden restaurado, que acabavam de perder pela sua queda.

Assim, quando Eva teve o seu primeiro filho, cuidou que ele seria o Messias prometido. Muitos anos mais tarde Deus reconfirmou esta promessa a Abraão, que da sua semente viria o Messias, o Redentor do mundo.

Por ocasião do Êxodo, de novo Deus lembrou ao povo de Israel, por intermédio de Moisés, esta promessa. E assim continuou a fazê-lo por intermédio de todos os profetas até Zacarias, o sacerdote, pai de João Baptista.

Com tal promessa sempre presente na mente, cada moça israelita alimentava a esperança de vir a ser a mãe do Messias prometido.

Foi num período de grande aperto nacional, quando os romanos dominavam havia cerca de 60 anos a terra de Israel, que o anjo Gabriel foi enviado à jovem Maria, desposada com José, com o glorioso anúncio de que nela se iria cumprir tal promessa. Que no tempo determinado, ela daria à luz um filho varão, a quem devia pôr o nome de Jesus, porque Ele salvaria o seu povo dos seus pecados (Mat. 1:21).

A princípio Maria ficou surpreendida e estupefacta com a presença e as palavras do anjo. mas o anjo acalmou-a e explicou-lhe todo o plano de Deus a seu respeito. Então ela, com uma fé singela e dócil, respondeu: «Eis aqui a serva do Senhor: cumpra-se em mim segundo a tua palavra» (Lucas 1:38).

No tempo determinado, Maria deu à luz a Jesus numa estrebaria em Belém, aonde havia ido com o marido para se recensearem, segundo o decreto de César Augusto. Ao chegarem a Belém, cansados e empoeirados da viagem, ninguém lhes ligou importância ou lhes deu abrigo durante aquela noite. Mas apesar de todos lhes terem recusado pouxada, o propósito de Deus não deixou de se cumprir. Ali mesmo, na estrebaria, lugar de recolha de mudos animais,

Jesus nasceu para iluminar o mundo com a Sua mensagem divina de amor, misericórdia, compaixão e perdão. E finalmente morrer no lugar de todos nós, pecadores, para com a Sua morte nos resgatar da culpa e condenação dos nossos pecados.

Entretanto o anjo Gabriel foi enviado aos pastores de Belém a anunciar o augusto acontecimento. Mas para que os pastores não ficassem duvidosos quanto à verdadeira identidade do Messias, o anjo advertiu-os: «E isto vos será por sinal: Achareis o menino envolto em panos e deitado numa manjedoura» (Lucas 2:12).

Os judeus sempre haviam antecipado a vinda do Messias com grande aparato e pompa. E sobretudo com poder sobrenatural para expulsar da sua terra os odiados romanos. Assim, sem esta advertência do anjo, os pastores nunca teriam reconhecido em Jesus o verdadeiro Messias, devido à Sua condição humilde e pobre.

Sim, Ele viera desta maneira a fim de encontrar acesso a toda a alma, mesmo aquela que desceu ao mais profundo abismo do pecado e miséria humana. E foi nisto que Ele revelou a verdadeira nobreza e o inestimável valor do Seu carácter. «Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas aniquilou-Se a Si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-Se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-Se a Si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz» (Fil. 2:6-8).

«O Pai deu o Seu Filho Unigénito e bem-amado para morrer por nós, e assim fazendo conferiu grande honra à humanidade, pois em Cristo se uniu de novo a corrente que fora partida pelo pecado, e o homem foi outra vez posto em ligação com o Céu.» (*A Ciência do Bom Viver*, p. 224.)

«Jamais poderá o preço da nossa redenção ser avaliado enquanto os remidos não estiverem com o Redentor perante o trono de Deus. Então, ao irromperem as glórias do lar eterno nos nos-

sos arrebatados sentidos, lembrar-nos-emos de que Jesus abandonou tudo isso por nós. Que Ele não somente Se tornou um exilado das cortes celestiais, mas enfrentou por nós o risco da derrota e eterna perdição. Então, lançar-Lhe-emos aos pés as nossas coroas, erguendo o cântico: 'Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas e sabedoria, e força e honra, e glória e acções de graças'.» (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 115.)

Cristo veio não apenas para morrer pelos nossos pecados, mas também para nos reconciliar com Deus e uns com os outros. Ele veio para nos assegurar, mediante a Sua vida imaculada, que, se confiarmos n'Ele e O deixarmos penetrar nas nossas vidas, seremos mais do que vencedores em todas as nossas fraquezas, fragilidades e tentações.

Prezado irmão, irmã, jovem ou criança, leitor amigo, porque não permitir que Cristo entre na sua vida? Tal como a seiva que percorre uma planta, desde a raiz até às folhas e a vitaliza, assim também Ele o vitalizará e assim passará a ser uma nova criatura. Então e só então compreenderá e se aperceberá quanto Ele é, na verdade, a Dádiva Inestimável, dada a cada um de nós quando nasceu em Belém, há cerca de 2 000 anos. Que nesse único Dom o Céu deu tudo quanto de melhor possuía. «Aquele que nem mesmo a Seu próprio Filho poupou, antes O entregou por todos nós, como nos não dará também com Ele todas as coisas?» (Rom. 8:32).

Sim, então compreenderemos o verdadeiro significado do Natal. Oxalá este próximo Natal de 1990 seja um Feliz Natal para si e sua família, sobretudo com o verdadeiro significado que ele envolve — a Dádiva Inestimável, de todo o Céu, na Adorável Pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo, dada a cada um de nós para perdão e salvação eterna.

*M.N. Cordeiro é pastor das Igrejas do Distrito de Aveiro e responsável pelo Serviço do Espírito de Profecia na União Portuguesa.*



# Nós o Veremos

## Nas alegrias da verdadeira adoração e observância do Sábado

*Mensagem devocional apresentada à Conferência Geral na sexta-feira à noite, dia 6 de Julho de 1990*

O tempo, lugar e momento desta grande convocação de observadores do Sábado conferem significado especial ao tema «Nós o veremos nas alegrias da verdadeira adoração e observância do Sábado». As duas palavras-chave são *adoração* e *Sábado*.

A mensagem desta noite procura realçar a inseparável relação entre genuína observância do Sábado e verdadeiro culto ou adoração. Duas importantes passagens bíblicas darão o tom ao desenvolvimento da mensagem desta noite: Apocalipse 14:6, 7 e Êxodo 20:8-11.

Em teologia adventista, genuína adoração e verdadeira observância do Sábado estão inseparavelmente ligadas e formam um todo indivisível. São parte integrante da nossa experiência religiosa e do nosso estilo de vida. Através da acção do Espírito Santo, o culto que prestamos a Deus e a nossa observância do Sábado aumentam o nosso conhecimento de Deus, aprofundam a nossa devoção para com Ele e ampliam a compreensão que d'Ele temos como Criador, Mantenedor e Santificador. Além de que, como movimento profético com uma mensagem sobre o Sábado para dar ao mundo, nós temos constantemente presente onde virmos, porque estamos aqui e para onde vamos. Estas três direcções não podem ser isoladas da ver-

dadeira observância sabática e do culto genuíno.

### O Culto de adoração no dia de Sábado é uma celebração

Para o povo de Deus, cada Sábado é um acontecimento comemorativo, uma celebração. E o primeiro princípio do genuíno culto cristão é, de facto, a celebração. O Sábado, pela sua origem, natureza e propósito é essencialmente um acontecimento celebrativo. Tanto no Velho como no Novo Testamento o culto [momento de adoração] é altamente festivo e cheio de alegria. A celebração do que Deus fez por Israel — na Páscoa, no Dia da Expição, na Festa dos Tabernáculos — é sempre uma ocasião festiva. A adoração afirma os actos sobrenaturais de Deus no passado e estimula a confiança na Sua direcção, no futuro. A adoração desafia o secularismo, porque cria uma relação com Deus e coloca o mundo na sua devida ordem. Na adoração a Deus a boa nova da salvação volta a acontecer, porque reafirma a realidade de Deus e o significado da vida. Cria, sustenta e exalta a nossa relação com Deus e sara a relação quebrantada. A adoração a Deus refrigera a alma, reacende o Espírito e renova a vida.

O culto de Sábado é então a reunião do povo de Deus para reverente mas alegre adoração celebrativa. Embora feito com ordem e decoro, o culto é alegre e celebrativo porque é guiado pela espontaneidade do Espírito Santo. O objectivo da verdadeira adoração não é provar a existência de Deus, mas celebrar as boas novas da salvação em Cristo Jesus. O culto é uma verdadeira reunião chamada a existir

por iniciativa de Deus, e nele somos abençoados, vivificados e fortalecidos.

A teologia adventista abraça a crença de que o Sábado é um memorial de Jeová como (a) Onnipotente Criador do nosso vasto universo, (b) Abençoado Redentor da raça humana, e (c) Restaurador Todo-Poderoso de toda a criação.

### Um Memorial do Poder Criador de Deus

A mensagem de Apocalipse 14 proclama o mandato divino: «Temei a Deus e dai-lhe glória. ... Adorai aquele que fez o céu e a terra e o mar e as fontes das águas» (Apoc. 14:7). Esta proclamação global de Apocalipse 14 ecoa eloquentemente no mandamento do Sábado, de Êxodo 20:8-11. Aqueles que adoram a Deus em Espírito e verdade vêm em cada Sábado um chamado à comemoração dos actos criativos de Deus.

O Deus do Evangelho eterno de Apocalipse 14 é o Deus que através da Sua palavra chamou o universo à existência: «Porque falou, e tudo se fez; mandou, e logo tudo apareceu» (Sal. 33:9). Sim, à ordem criadora de Deus, os céus e a terra, os mares e tudo o que neles há (Êxo. 20:11) apareceram instantaneamente. Em seis dias literais, Deus terminou a Sua obra da criação e descansou ao sétimo dia. O Sábado é, por esta razão, central no nosso culto a Deus. Como memorial da criação, ele revela-nos a razão porque Deus deve ser adorado: Ele é o Criador e nós somos criaturas Suas. Ellen White faz a seguinte e penetrante observação acerca do Sábado e da adoração a Deus: O Sábado «é um tes-

temunho constante da Sua existência e um memorial da Sua grandeza, da Sua sabedoria, do Seu amor. Tivesse o Sábado sido sempre sagradamente observado, e nunca teria existido um ateu ou um idólatra.» (*Patriarcas e Profetas*, p. 336.) E realça ainda este importante ponto: «Para todos quantos recebem o Sábado como sinal do poder criador e redentor de Cristo, ele será um deleite. Vendo nele Cristo, n'Ele se deleitam. O Sábado aponta-lhes as obras da criação, como testemunho do Seu grande poder em redimir. Ao passo que evoca a perda da paz edénica, fala da paz restaurada por meio do Salvador.» (*O Desejado de Todas as Nações*, pp. 210 e 211 [fim do cap. XXIX].) E ela conclui dizendo que tudo na natureza repete o convite: «Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei» (Mat. 11:28).

Este culto comemorativo, adoração ao Deus Criador, é um poderoso repúdio à evolução, ao mundanismo, materialismo, hedonismo e todos os outros «ismos» que não reconhecem a supremacia do nosso grande Criador. O Sábado é, pois, uma celebração semanal dos actos criativos de Deus tão claramente manifestados no mundo cósmico. O culto ou adoração a qualquer outro Deus é falso, fútil, insignificante e até mesmo estranho.

### **Uma celebração dos actos redentores de Deus**

Na verdadeira adoração e observância do Sábado, Jesus Cristo não é somente Senhor de toda a criação: Ele é também Salvador, Redentor e Santificador. Cada Sábado é uma tocante celebração da emancipação do pecador da escravatura do pecado e condenação. O Sábado é um monumento erguido à nossa libertação das algemas da culpa e do pecado. «É um memorial do êxodo da escravidão do pecado, sob o comando de Emanuel.» (S. Bacchiocchi, *Rest for Modern Man*, p. 19, in *Seventh-day Adventist Believe...* p. 247).

O Sábado é um inegável memorial do poder libertador, transformador e santificador de Deus, segundo Êxodo 31:13 e Ezequiel 20:20. No esquema do plano redentor e gracioso de Deus, a cruz deu novo significado e novas

dimensões ao Sábado. Ele é, de facto, um sinal de aceitação, por parte do crente, da graça de Deus. O Sábado é um memorial semanal da milagrosa redenção de Deus. No culto de Sábado, a adoração toma o seu lugar ao lado da redenção. Reafirma a nossa fé em Jesus Cristo e faz com que as boas novas voltem a acontecer de novo. «Como sinal do Seu poder santificador, o Sábado é dado a todos quantos, por meio de Cristo, se tornam parte do Israel de Deus.» (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 210, cap. XXIX.)

Em Êxodo 31:13, declara-se explicitamente que o Sábado é um sinal que confere ao povo de Deus o duplo conhecimento de que Jeová é Senhor de todos e de que o Deus de Israel «santifica» o Seu povo ao declará-lo um povo santo. Nesta comvente declaração o carácter redentor do Sábado fica em plena luz: «Para todos quantos recebem o Sábado como sinal do poder criador e redentor de Cristo, ele será um deleite. ... O Sábado aponta-lhes as obras da criação, como testemunho do Seu grande poder em redimir.» (*Ibidem*.)

Este refrão da redenção domina os Salmos e a literatura de adoração do povo de Israel. Deus instruirá o Seu povo: «Porque te lembrarás que foste servo na terra do Egipto, e que o Senhor, teu Deus, te tirou dali, com mão forte e braço estendido; pelo que o Senhor, teu Deus, te ordenou que guardasses o dia de Sábado» (Deut. 5:15). Que extraordinária descrição de salvação!

### **Uma celebração da Restauração que se aproxima**

Chegamos agora à terceira e última dimensão do Sábado e seu lugar ímpar no culto de adoração a Deus. Esta dimensão leva-nos do passado ao presente e ao futuro. Centra a nossa atenção sobre o importante lugar do Sábado na restauração final do nosso planeta, quando Deus fará novas todas as coisas. Em certo sentido, Deus memorizou, de forma especial, todos os Seus actos criativos no Sábado.

Notemos o lugar do Sábado nestas três dimensões do plano da salvação: «O Sábado leva-nos de volta a contemplar de novo um mundo perfeito num

longínquo passado. ... e lembra-nos o tempo em que o Criador, outra vez, 'fará novas todas as coisas' (Apoc. 21:5). É também um memorial de que Deus permanece pronto a restaurar nos nossos corações e vidas a Sua própria imagem, tal como ela era no princípio.» (*The SDA Bible Commentary*, vol. 1, p. 604.)

O Sábado continuará a ocupar um importante lugar no culto e adoração de Deus. Isaías, o grande profeta da restauração, em linguagem escatológica, prediz: «Porque, como os céus novos, e a terra nova, que hei-de fazer, estarão diante da minha face, diz o Senhor, assim há-de estar a vossa posteridade. E será que, desde uma lua nova até à outra, e desde um sábado até ao outro, virá toda a carne a adorar perante mim, diz o Senhor» (Isa. 66:22 e 23). Esta passagem sobre a restauração imortaliza a instituição do Sábado. Este pertence tanto ao aqui e agora como ao que ainda há-de vir.

Então o Sábado, como elemento essencial do culto verdadeiro, alcançará o seu majestoso crescendo na gloriosa ordem do novo mundo. Então o Sábado abençoado por Deus, embora rejeitado, maculado e falseado pelo homem, será de novo reivindicado e restabelecido. A eterna instituição de Deus será finalmente triunfante.

Este é, de facto, o repouso sabático final de que fala o apóstolo Paulo: «Portanto, resta ainda um repouso para o povo de Deus. ... Procuremos, pois, entrar naquele repouso» (Heb. 4:9-11).

Ao contemplar este glorioso repouso sabático de felicidade e celebração infinitas, bem podemos cantar com o autor do hino:

«Senhor do Sábado, Salvador e  
[Criador,  
Acalma agora os soluços de cada  
[peito angustiado!  
Fala aos nossos corações a paz dos  
[Teus mandamentos,  
Sopra em cada alma a formosura do  
[santo repouso do Eden.»

D. A. R. Aufranc

### **Tríplice Celebração**

Na mensagem desta noite lembráremos, mais uma vez, as verdadeiras di-

mensões comemorativas do santo Sábado — ele comemora os extraordinários actos criativos de Deus, celebra a graciosa actividade redentora de Deus e celebra a restauração final que Ele operará no universo à perfeita e permanente harmonia.

Que excitante é para o povo de Deus, «reparadores de roturas», esperar o dia sublime da restauração final! Quão excitante! De um Sábado ao outro, por toda a eternidade, todo o povo redimido do Senhor reunir-se-á para O adorar como Criador, Redentor, Libertador, Rei Soberano e Senhor Absoluto de toda a criação! Pensemos nisto, se pudermos: uma eternidade de observância do Sábado, de prestar culto Àquele que nos criou, nos amou e nos remiu!

Graças a Deus, o dia da restauração está mesmo às portas. Esta grande convocação neste bendito dia de adoração e louvor á apenas um «ensaio» daquele glorioso amanhã de infinita alegria e exuberante celebração. Que indescrevível alegria será adorar o nosso Grande Criador e Glorioso Redentor face a face ao contarmos a história da Salvação pela graça. Este será o culto, o companheirismo e a celebração final. Então nós O veremos no Seu esplendor Criativo e Redentor e O adoraremos para todo o sempre. Que Sábado de celebração será esse!

*George Brown é presidente da Divisão Interamericana.*

## DOAÇÕES DE LIVROS

A Biblioteca do Colégio Adventista de Oliveira do Douro aceita doações de livros e revistas.

O irmão(ã) ou jovem pode não estar a precisar deles, mas para a Biblioteca do Colégio Adventista de Oliveira do Douro serão muito úteis.

### Endereço:

Biblioteca do Colégio Adventista de Oliveira do Douro  
Rua do Jorgim, 166  
4400 V. N. de Gaia

Responsável: *Prof. Victor Alves*

# Ânimo no Senhor

## Se temos tais promessas, prossigamos animosos a jornada da fé.

**E**ra noite no Deserto da Arábia. Depois de um dia de viagem através de ondulantes areias e por sobre pedregosas colinas, um homem extenuado encontrava-se estendido, abrigado pelos ramos de uma pequena árvore.

Era um cenário taciturno e sombrio. Se fosse dia, veríamos ao longe os campos verdejantes com seus numerosos rebanhos, sob o cuidado vigilante de desvelados pastores.

Mas era noite. A solidão e o abandono pareciam mais impressionantes com a presença daquele cansado e sonolento peregrino no meio do deserto árido e quase sem vida. No espaço sideral cintilavam as estrelas. Todo o contorno do horizonte apresentava a mesma curva ondulante de terra desnuda e colinas rochosas. O deserto estava em silêncio.

Débil e exaurido, o solitário fugitivo ali estava, deitado sobre a areia, dominado pelo desânimo. De súbito, entretanto, rompendo o solene silêncio da noite, ergueu a voz soturna em estranha súplica: «Já basta, ó Senhor: toma agora a minha vida, pois não sou melhor do que meus pais». (I Reis 19:4).

Mas quem era afinal esse homem tão quebrantado, que ousava com tanta amargura dirigir tal súplica a Deus? Era Elias, o valente profeta do Senhor. Mas como poderia um homem tão audaz como ele chegar àquela condição?

Elias viveu numa época de grave crise espiritual. Tempo de blasfémia, rebelião e idolatria. A narrativa sagrada no-lo apresenta como um profeta austero, denunciando com voz severa e grave os pecados de Israel. Pareceria um homem imune às debilidades que nos são próprias.

Mas quão frágil é a natureza humana! Ele que enfrentou com desassombro o ódio de uma nação, que sem eufemismos condenou a impiedade do rei e expôs ao opróbrio os profetas de Baal, apresenta-se agora vencido pelo desalento, sem entusiasmo para viver.

Diz a Inspiração: «Não reunamos... os quadros desagradáveis — iniquidades e corrupções e decepções — provas do poder de Satanás, a fim de os suspender nas paredes da memória, para falar e lamentar sobre essas coisas, até que as almas fiquem cheias de desânimo. Uma alma desanimada é um corpo entenebrecido, não deixando de receber, ele somente, a luz de Deus, mas impedindo-a de atingir os outros. Satanás gosta de ver os efeitos dos quadros de seus triunfos, tornando as criaturas humanas destituídas de fé e desalentadas.» (*Testemunhos Selectos*, vol. 2 págs. 341 e 342).

Qual foi a causa do desânimo de Elias? Havia pendurado nas paredes da imaginação os quadros desagradáveis — idolatria, abominação, apostasia — que caracterizavam a vida nacional. «Os filhos de Israel deixaram o Teu concerto, derribaram os Teus altares, e mataram os Teus profetas à espada, e só eu fiquei...» (I Reis 19:14), sentenciou com evidente amargura. Pobre Elias!

No monte Carmelo havia desafiado sozinho os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal. Agora, entretanto, depois de haver vingado com tanta coragem a honra de Jeová, informado acerca dos planos sinistros maquinados por Jezabel, que desejava tirá-lo a vida, fugiu, espavorido, ocultando-se no ermo de um deserto.

E lá o encontramos no silêncio da noite, tendo as estrelas como teste-

munhas do seu desalento e melancolia.

Pareceria mais fácil ser um mártir diante da multidão no Monte Carmelo, do que um herói no meio das paragens solitárias de um deserto.

Diz a narrativa sagrada que o Senhor veio ao encontro do abatido profeta e o interrogou: «Que fazes tu aqui, Elias?» como querendo dizer: «Volve, profeta, ao cumprimento da tua missão.» E para remover o quadro sombrio que acendia em sua imaginação as impressões dolorosas de uma grande apostasia nacional, o Senhor acrescentou: «Eu também fiz ficar em Israel sete mil: todos os joelhos que se não dobraram a Baal, e toda a boca que não o beijou» (I Reis 19:18).

Não, a noite espiritual que desceu sobre Israel não era tão densa como ele havia imaginado. Milhares existiam que, como o profeta, se recusaram a dobrar os joelhos diante dos impotentes deuses de Tiro e Sidom.

Como Elias, há hoje, na igreja, membros desanimados. São almas angustiadas e deprimidas que colecionam as injustiças, as incompreensões e as provocações da vida e se desesperram com suas próprias debilidades, tropeços e imperfeições.

Estamos nós, porventura, desanimados na nossa experiência cristã? Está o nosso coração envolto nas sombras da angústia? Aflige-nos o peso esmagador de alguma provação? Ouçamos a voz doce e suave que nos diz: «Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque Ele tem cuidado de vós» (I Ped. 5:7). «Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei» (Mat. 11:28). «Não temas porque estou contigo, não desmaies porque Eu sou teu Deus» (Isa. 41:10). «Tende bom ânimo, Eu venci o mundo» (João 16:33).

Se temos tais promessas, prossigamos animosos a jornada da fé, certos de que o Deus de Elias estará conosco e nos fortalecerá e nos fará triunfantes nas rudes e ásperas batalhas contra o poder do mal.

## Os Sacramentos em face das Sagradas Escrituras

— Parte II (continuação do número anterior)



### A Penitência

Como devemos entender a chamada Penitência à luz dos ensinamentos da Igreja Católica? A leitura de teólogos e de catecismos revelar-nos-á rapidamente a resposta.

Numa primeira abordagem dessa doutrina, a Penitência é a dor interior que sentimos pelo pecado que praticamos; é a aversão que experimentamos e nos leva a voltar para Deus. A Penitência será o castigo que impomos a nós mesmos ou que o confessor impõe com o fim de expiarmos os nossos pecados e, deste modo, obter, de novo, a paz e a permanência no estado de salvação.

A Penitência está directamente ligada à confissão, pois é no confessional que recebemos os conselhos e as indicações precisas sobre a maneira como devemos pagar as nossas faltas. O crente, arrependido, confessa os seus pecados. Deve fazê-lo duma forma contrita, com o propósito firme de se emendar e deve confessar todo o mal que praticou, com exactidão, sinceridade e humildade, indicando a natureza e o número das suas faltas e as circunstâncias em que caiu no pecado. Nunca nos devemos envergonhar de confessar os nossos pecados, pois que o padre não pode nunca revelar o que quer que seja da confissão, dado que ele está debaixo duma obrigação chamada segredo sacramental. O confessor é o porteiro do paraíso. «Se Jesus estivesse num confessional e o padre noutro, tanto perdoaria os pecados Nosso Senhor como o sacerdote.» (Catecismo Dr. A. Bívar, vol. III,

pg. 164). E ainda: «Aquele que obedece ao seu confessor, pode estar certo que Deus não lhe pedirá conta das suas acções.» (*Ibidem.*). E, à guisa de conclusão, somos informados de que «O sacrifício da Penitência é absolutamente necessário para a salvação de todo o cristão», pois que é assim que obtemos o perdão de todos os pecados actuais e das penas eternas que merecíamos devido a esses pecados.

Procurando uma explicação bíblica para tal penitência e tal confissão, a Igreja Católica apresenta-nos esta:

«E havendo dito isto, assoprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, lhes são perdoados; e àqueles a quem os retiverdes lhes são retidos» (João 20:22-23).

«Em verdade vos digo que tudo que ligares na terra será ligado no céu e tudo o que desligares na terra será desligado no céu.» (Mat. 18:18).

A primeira pergunta que devemos fazer é esta: A quem foram dirigidas estas palavras? Diz a Igreja Católica: Aos apóstolos e aos seus sucessores. Mas será realmente assim? É evidente que toda a reflexão a propósito do poder de ligar e desligar, de perdoar ou reter os pecados, depende da resposta da Sagrada Escritura à pergunta acima formulada. Se as palavras de Cristo foram dirigidas aos apóstolos na sua qualidade de representantes do ministério da igreja, então haverá razão para limitar estes poderes aos seus ministros. No entanto, se for o caso do Senhor as ter dirigido tanto aos discípulos leigos como aos apóstolos, então torna-se bem claro que este poder pertence a todo o corpo da igreja — tanto aos leigos como aos ministros.

*O Pastor Enoch de Oliveira, aposentado por ocasião da última sessão da Conferência Geral, era seu vice-presidente.*

Não é justo isolar as palavras do versículo 18, «Em verdade vos digo que tudo o que ligares na terra será ligado no céu e tudo o que desligares na terra será desligado no céu», sem primeiro nos perguntarmos com quem estava Jesus falando naquela altura; a quem dirigiu Ele essas palavras. O versículo 1.º do capítulo 18 de Mateus dá-nos a resposta.

«Naquela mesma hora, chegaram os discípulos aos pés de Jesus, dizendo: Quem é o maior no reino dos céus?»

Jesus começou a responder a esta pergunta e é neste contexto, como se pode ver na Bíblia, que Ele disse as tais palavras de ligar e desligar. A quem estava Ele falando? Aos discípulos; a todos os cristãos que estavam presentes. Estava um bom número certamente. Vejamos o capítulo 18 de Mateus para ajuizar por nós mesmos. E, a dada altura (verso 19) Jesus promete que onde estiverem dois ou três reunidos em Seu nome, estará no meio deles; esta promessa não foi feita simplesmente aos 12 apóstolos, mas sim, como sabemos, a todos os crentes. O mesmo se passa com as palavras que se encontram descritas no Evangelho de S. João e que já citámos. Jesus falou realmente de perdoar os pecados e de os reter, mas a quem dirigiu Ele estas palavras? A quem concedeu Ele este poder? Vamos ler a resposta na Escritura:

«Chegada pois a tarde daquele dia, o primeiro da semana, e cerradas as portas onde os discípulos com medo dos judeus, se tinham ajuntado, chegou Jesus e pôs-se no meio, e disse-lhes: Paz seja convosco» (João 20:19).

O poder de perdoar os pecados ou de os reter não é exclusivo do clero: Jesus conferiu-o igualmente aos leigos; não se trata pois duma absolvição sacerdotal, mas cristã. Deixando este poder unicamente nas mãos do sacerdote, o pensamento das pessoas pode facilmente deslizar somente para o sacerdote, confessando-se somente a ele e esperando o perdão somente dele. Quase poderíamos dizer que nenhuma diferença existe entre a igreja maioritária e as igrejas denominadas evangélicas no que diz respeito ao dever que os cristãos têm de se confessarem; essa distinção consiste unica-

mente na pessoa a quem se deve fazer a confissão: uns confessam-se ao sacerdote e outros confessam-se ao próximo a quem ofenderam e a Deus. A confissão a Deus é aquela que se ordena na Bíblia:

«Confessei-te o meu pecado, e a minha maldade não encobri; dizia eu: Confessarei ao Senhor as minhas transgressões; e tu perdoaste a maldade do meu pecado» (Sal. 32:5).

«E orei ao Senhor meu Deus, e confessei as minhas faltas e disse: Nós pecámos, nós cometemos a iniquidade, nós obrámos impiamente, e nós nos retirámos de Ti; e nós nos apartámos dos teus preceitos e das tuas ordenanças» (Daniel 9:4-5).

«Confessai os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros» (Tiago 5:16).

Não nos diz a Escritura que devemos confessar os nossos pecados a um sacerdote, mas sim uns aos outros; logo, se nos confessarmos a um sacerdote porque o ofendemos, também ele se deve confessar a nós em igualdade de circunstâncias. Trata-se aqui de uma confissão fraternal que nada tem de sacerdotal.

A Sagrada Escritura faz-nos um apelo: «Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; e, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo o Justo» (I João 2:1).

Quando uma pessoa se arrepende dos seus pecados, com toda a sinceridade, e se confessa à pessoa a quem ofendeu e a Deus, tem a absolvição dada por Jesus Cristo, e, tendo esta, não necessita da absolvição do sacerdote.

### A Extrema-Unção

É do conhecimento geral que a Extrema-Unção é concedida às pessoas que se encontram à beira da morte. O que acontece normalmente, como sabemos, é o seguinte: As pessoas de família de um doente em estado grave tomam a iniciativa de chamar um sacerdote com o fim de este ministrar ao doente a extrema-unção, tendo em vista confortar o doente, prepará-lo psicologicamente para a morte e deixar nele e nos familiares que o rodeiam uma impressão de paz interior e de serenidade externa peran-

te a morte que se avizinha, e que é julgada por todos (ou quase todos) como inevitável.

Os catecismos oficiais não hesitam em chamar à Extrema-Unção «o sacramento dos moribundos» e também «o último sacramento» porque, em geral, como já fizemos realçar, este sacramento recebe-se pouco tempo antes de morrer, e o próprio nome de extrema-unção advém-lhe do facto de que é a derradeira unção que o doente vai receber.

Vistas as coisas do ponto de vista da Igreja Católica e da prática corrente perguntamos: E que é que nos ensina a Sagrada Escritura acerca da Extrema-Unção? Para responder honestamente teremos de afirmar que a Sagrada Escritura permanece em silêncio no que diz respeito a qualquer tipo de cerimónia, ritual ou sacramento (como se lhe queira chamar) que deva ser ministrado aos doentes em estado grave ao se pressentir a chegada da morte. A Sagrada Escritura fala dum certo tipo de unção que pode ser solicitada por qualquer doente, tendo em vista a sua cura. E, curiosamente, é nesta Unção que a Igreja Católica se virá a apoiar para instituir um novo ritual — dito sacramento — cujos objectivos finais são realmente alheios às intenções das Sagradas Escrituras. Mas vamos considerar os textos bíblicos porque é esta a melhor maneira de compreendermos a questão:

«Está alguém entre vós doente? chame os presbíteros da igreja, e orem sobre ele, ungiendo-o com azeite, em nome do Senhor; e a oração da fé salvará o doente, e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados» (Tiago 5:14, 15).

O cristão toma consciência de que se encontra doente. Como é natural, vai recorrer ao médico. Este receita. Os medicamentos actuam. O doente recuperou a sua saúde. Tudo normal. Mas eis que surgiu um caso diferente: A doença instalou-se duma forma mais aguda. Andando de médico em médico, o doente não encontra alívio para o seu mal. A doença é grave. Há que o reconhecer. É então que a Fé surge mais forte, esperançosa, vivificadora. O doente toma a iniciativa de chamar os presbíteros da igreja. Pede-

-lhes para orarem com ele. Pede-lhes para o ungirem em nome do Senhor. E todo este processo espiritual, ou, se perferirem, posto em movimento numa base plenamente espiritual, vai desencadear um movimento de cura, se for essa a vontade do Senhor. Foi exactamente isto que fizeram os discípulos de Jesus, e o que encontramos descrito, numa forma bem simples e clara, no Evangelho de S. Marcos:

«E, partindo dali, chegou à sua pátria, e os seus discípulos o seguiram.

E, saindo eles, pregavam que se arrependessem, e expulsavam muitos demónios, e ungiam muitos enfermos com óleo, e os curavam» (Marcos 6:1, 12, 13).

E aqui temos nós, como, dum recomendação bíblica que foi feita tendo em vista a cura dos doentes, fez Roma, na prática, uma espécie de salvo-conduto para a Morte.

(A continuar)

G. STÉVENY



## Depois de 1990: Sombras e Claridades

«Missão Global» é a nossa prioridade para os próximos anos. Mas é importante ter uma compreensão correcta dos nossos alvos.

Em todas as sessões da Conferência Geral é costume as Divisões apresentarem um alvo de baptismos, que é constituído pela soma dos números propostos pelas Uniões. Foi assim que para os anos de 1985 a 1990, a nossa Divisão tinha como alvo acrescentar à Igreja, através do baptismo ou profissão de fé, 85 000 novos membros. De acordo com os relatórios recebidos, este número foi ultrapassado, cifrando-se o total de baptismos no nosso território em 85.057.

Devemos dizer que este grande crescimento se deve sobretudo a Angola, Moçambique e Roménia. Basta referir, como exemplo, que as nossas igrejas da Roménia receberam num só dia, 26 de Maio deste ano, 2 550 membros. Mas temos de reconhecer também que após o mês de Dezembro de 1989 se intensificaram os esforços de evangelização em todos os países. E que de maneira inesperada surgiram circunstâncias favoráveis que contribuíram para o aumento do número de baptismos. Seja como for, é emocionante

pensar que todos estes novos irmãos e irmãs se preparam, a partir de agora, para um feliz encontro com Jesus.

Todavia, devo também acrescentar que resultados bem mais modestos não são menos importantes quando resultam de esforços perseverantes face à secularização esterilizante que grassa nos países de elevado nível de vida. Só Deus pode avaliar o trabalho. Nem tudo é falso na frase que Marc Twain atribui a Disraeli: «Há três espécies de mentiras: as mentiras, as grandes mentiras e as estatísticas!»

Em Nova Orleães, na Conferência Geral de 1985, encerrou-se um período de cinco anos que se vivera sob o signo de «1000 Dias de Colheita». O plano era acrescentar cada dia à Igreja Adventista 1000 novos membros. Os resultados ultrapassaram a expectativa: mais de um milhão de membros foram baptizados, ou seja 1171 pessoas por dia, o que era bem diferente da média diária de 1960, a qual se cifrava em 250 baptismos.

«Colheita 90» tornou-se a palavra de

ordem para o período seguinte: 1985-1990. E durante este quinquénio a Igreja registou mais de 2 milhões de baptismos, de modo que actualmente conta com mais de 6 milhões de membros. Isso significa que uma média de 1581 tomaram diariamente o compromisso de viver com Jesus. Em África temos hoje mais de 1 500 000 membros; na América Central, mais de 1 200 000; e na América do Sul, cerca de 1 000 000.

Mas os nossos olhos voltam-se já para o futuro. No novo quinquénio de 1990 a 1995 a divisa será «Missão Global» («Estratégia Global»). O objectivo é trabalhar de modo sistemático para dar cumprimento à profecia de Jesus, de que o Evangelho «será pregado em todo o mundo, e então virá o fim» (Mat. 24:14).

De acordo com os estudos elaborados, existem presentemente no mundo 5 000 segmentos demográficos de 1 milhão de pessoas. A Igreja está representada em 3 200 destes grupos. Os nossos esforços centram-se agora em penetrar nos 1 800 segmentos que nos faltam. Lembremo-nos de que os anjos de Apocalipse 14 voam pelo meio do céu com o Evangelho eterno para o proclamar a toda a nação, tribo, língua e povo. Conscientes da sua missão, os presidentes de União da Divisão Euro-Africana propuseram-se os seguintes objectivos de baptismos para o próximo quinquénio:

União Angolana	45 00
União Austríaca	650
União Búlgara	750
União Checoslovaca	1 800
União Franco-Belga	1 800
União do Leste Alemão	1 300
União Italiana	1 360
União Moçambicana	30 000
União Portuguesa	1 500
União Romena	20 000
União do Sul da Alemanha	1 750
União Espanhola	1 500
União Suíça	700
União Oeste-Alemã	1 350
Misserm [Trabalho entre os muçulmanos]	40
	<hr/>
	110 000

Trata-se de um desafio audacioso ou de um humilde acto de fé? Só Deus o sabe, porque para responder seria preciso sondar os corações. Existe,

sem dúvida, o perigo de dar uma feição humana à obra de Deus. Mas temos de concordar que um alvo pode constituir também uma visão de esperança que gera uma oração quase constante. Que sugere planos, que alimenta o entusiasmo e mantém viva a acção, incitando a ir sempre mais longe e mais alto.

Se é verdade que o Evangelho tem de ser pregado em todo o mundo antes da volta de Jesus, não esqueçamos que há uma outra condição que deve igualmente ser preenchida: a Igreja tem de aparecer diante de Deus «gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível» (Efés. 5:27). Ora, os factos mostram que o crescimento numérico não basta. A autenticidade da nossa relação com Deus é essencial. Não posso ler sem estremecer a seguinte

declaração de Ellen White: «O Senhor não opera agora trazer muitas almas para a verdade, por causa dos membros da igreja que nunca foram convertidos, e dos que uma vez convertidos, voltaram atrás.» (*Conselhos sobre o Regime Alimentar*, p. 455.)

Estamos prontos a aceitar o alvo da Conferência Geral de abrir uma nova igreja por dia durante todos os dias dos próximos dez anos. Dimensão numérica e geográfica de grande alcance. Desde que, ao mesmo tempo, o Deus da paz, Ele mesmo, nos santifique (I Tess. 5:23). Não reduzamos a Igreja às dimensões dum empreendimento humano. Corpo de Cristo, ela deve viver de harmonia com a Cabeça. Esposa de Cristo, ela deve estar adornada com as virtudes que a Ele agradam. «Vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se apron-

tu. E foi-lhe dado que se vestisse de linho fino, puro e resplandecente, porque o linho fino são as justiças dos santos. ... Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro» (Apoc. 19:7-9).

Não hesitemos em viver de maneira clara a fim de que seja notória a demarcação entre a igreja e o mundo. Então, os nossos alvos serão fonte de luz e alegria. E poderemos dizer com o salmista: «Os que semeiam em lágrimas segarão com alegria. Aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará, sem dúvida, com alegria, trazendo consigo os seus molhos» (Sal. 126:5,6).

---

*G. Stéveny foi secretário da Divisão Euro-Africana até Julho de 1990, momento da sua aposentação.*

RON W. TAYLOR

## Bicentenário da Ilha de Pitcairn

**1990 marca o bicentenário de Pitcairn, uma ilha adventista.**

**A História da Ilha de Pitcairn, ao longo de duzentos anos.**

**De John Adams, em 1790, até aos os nossos dias.**

**E**m 23 de Janeiro de 1790, um grupo de rebeldes, vindos no navio HMS *Bounty*, aportou no litoral onde hoje está localizada a Baía Bounty, na Ilha de Pitcairn, iniciando uma história que se tem tornado o símbolo das missões adventistas.

Os acontecimentos que culminaram na saga desses navegantes começaram dois anos antes, quando o HMS *Bounty*, um pequeno navio de 220 toneladas, sob o comando de William Bligh, com uma tripulação de 2 bo-

tânicos e mais de 40 homens e funcionários, deixou a Inglaterra para uma viagem ao Taiti. Eles planeavam buscar mudas de plantas de fruta-pão para as Antilhas.

Durante os 10 meses de viagem, o navio foi um misto de calma e agitação, devido a tempestades violentas. Além disso, transformou-se no cenário de frequentes confrontos entre o capitão e os seus tripulantes. Diversos homens foram torturados. Um deles veio a morrer e foi sepultado no próprio mar.

Quando o *Bounty* chegou ao Taiti, contudo, os amistosos nativos polinésios receberam calorosamente os marinheiros. Não apenas ajudaram a carregar o navio com mudas de fruta-pão, mas também estabeleceram estreito companheirismo com os ingleses. Depois de 23 semanas em terra, só com muita dificuldade a tripulação voltou a bordo e singrou para as Antilhas.

Vinte e três dias depois, enquanto o navio passava através das Ilhas Tonga, na noite de 28 de Abril de

1789, a tripulação revoltou-se. Os rebeldes colocaram o Capitão Bligh e 18 homens leais a ele num pequeno bote e os deixaram à deriva. O *Bounty*, agora sob o comando do imediato Fletcher Christian de 24 anos, retornou ao Taiti.

Recessos de serem perseguidos pelos navios da Armada Britânica, os subersivos procuraram um esconderijo adequado. Dezasseis dentre eles decidiram permanecer no Taiti e correr os riscos. Christian, contudo, achou que o Taiti era um lo-

cal onde a Armada poderia encontrá-los facilmente (o que foi confirmado posteriormente). Assim, ele partiu no *Bounty*, esperando encontrar um lugar mais seguro. A bordo, levou consigo oito rebeldes, seis homens e 12 mulheres polinésios e um bebê do sexo feminino.

A ilha encontrada por Christian havia sido mapeada e nomeada quase 23 anos antes, por Philip Carteret, capitão do HMS *Swallow*, em 2 de julho de 1767. Em seu relato, Carteret escreveu: «Avistámos terra na direcção norte... Apresentava semelhança com uma rocha emergindo do mar; não possuía mais do que 5 milhas de circunferência e parecia ser desabitada.» Carteret desejou desembarcar, mas «a ressaca, que nessa ocasião rebentava na praia com grande violência, tornou isso impossível». A ilha tinha sido primeiramente avistada por Carteret, filho do Major John Pitcairn, da Marinha Real, que se havia perdido no mar. Em sua homenagem, Carteret chamou-a Ilha de Pitcairn.

Quando os rebeldes e seus amigos aportaram nessa praia rochosa, encontraram vestígios de ocupação prévia. Mas naquele momento estava desabitada. Toda a madeira e objectos úteis que puderam tirar do barco foram rapidamente colocados na praia. O navio foi então incendiado. Eles não queriam deixar nenhum sinal que pudesse atrair a atenção de algum marinheiro que por ali passasse.

A princípio, os recém-chegados mal podiam acreditar em tanta sorte. Não mais se achavam ameaçados pelo açoite de Bligh; nenhuma lei civil restringia o seu comportamento. Mas essas condições idílicas não perduraram por muito tempo, pois paixões desenfreadas

logo assumiram o controle e iniciou-se um novo capítulo de violência.

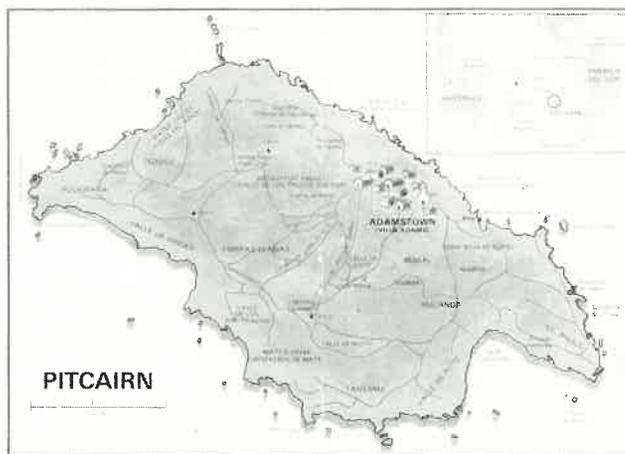
Passados menos de quatro anos, somente quatro dos insubordinados, nenhum nativo, dez mulheres e algumas crianças, permaneciam vivos. quase todos os demais haviam sido assassinados numa série de conspirações, contendas e represálias.

Dois dentre os insubordinados rebeldes, McCoy e Quintal, fizeram uma mistura alcoólica muito forte que sempre lhes dava uma «disposição briguenta» e os levava a espancar as mulheres frequentemente. Um dia, enquanto estava intoxicado, McCoy saltou de um despeñadeiro e morreu. Quando Quintal ameaçou a vida dos outros dois homens, estes sentiram que não estariam seguros enquanto ele vivesse e tiraram-lhe a vida.

Os dois remanescentes eram Alexander Smith, que mudou seu nome para John Adams, e Edward Young, ambos de 22 anos de idade. Young recebera instrução, mas Adams não era letrado. Ansioso por aprender, contudo, Adams solicitou a Young que lhe ensinasse a ler. Ele o fez usando como compêndio o Livro de Orações da Igreja Anglicana e uma Bíblia trazida do navio.

A Palavra fez efeito na sua vida. Leitura regular da Bíblia e culto foram iniciados entre as mulheres e crianças sob os seus cuidados.

Edward Young faleceu de asma cerca de 10 anos após a sua chegada a Pitcairn. Este acontecimento deixou John Adams como único sobrevivente dentre os insubordinados que chegaram à Ilha. Mas ele era, já, um homem transformado. Quando a Marinha Britânica, finalmente, o alcançou, eles encontraram uma pessoa profundamente religiosa que liderava uma comunidade de



devotos, mulheres e crianças tementes a Deus. Ele acabou não sendo punido por sua participação no motim, mas foi agraciado com o perdão real. John Adams morreu como um homem livre e altamente respeitado em 5 de Março de 1829.

### Naufrágio providencial

A comunidade cresceu como uma família cristã amante da Bíblia. Com o constante passar de navios trazendo visitantes, Pitcairn tornou-se desde logo conhecida em lugares longínquos.

Um jovem, que foi para o mar como carpinteiro de navios aos 16 anos de idade, leu a história dos rebeldes do *Bounty* e da piedade dos seus descendentes na Ilha de Pitcairn. Em 1873, ele tornou-se adventista do sétimo dia e desejou partilhar sua nova fé em Pitcairn. Mas a Igreja não estava, todavia, preparada para isto. Em 1875, Ellen White escreveu: «Há somente um missionário do nosso povo, em todo o vasto Campo em países estrangeiros. ... Deus chama homens, voluntários para levar a verdade a outras nações.» (*Testimonies*, vol. 3, pág. 404).

Nessa mesma época, um navio que cruzava o Pacífico encalhou no Recife *Oeno*, 130 quilômetros a nordeste de Pitcairn. O barco partiu-se, mas a tripulação fabricou uma jangada e em segu-

rança conseguiram alcançar Pitcairn. Aí, eles foram abrigados e atendidos, até que um navio que passava os recolheu e levou para os Estados Unidos.

Suas histórias sobre a hospitalidade de Pitcairn levaram o povo a solicitar ofertas para enviar aos ilhéus, em demonstração de reconhecimento. James White e J. N. Loughborough aproveitaram a oportunidade para lançar seu «pão sobre as águas» e encaixotaram livros e folhetos adventistas para remetê-los junto com outros donativos.

No relatório da secretaria da Igreja da Ilha de Pitcairn, pode-se ler: «Ao redor do ano de 1876, James White e J. N. Loughborough enviaram pelo *St. John* uma caixa de literatura adventista do sétimo dia para Pitcairn, acompanhada de cartas apelando para que fossem cuidadosamente examinadas. As cartas foram lidas, mas os livros e folhetos foram recebidos com desconfiança. No entanto, outras publicações chegaram no *Golden Hind* e no *Golden Fleece* e receberam maior atenção. Mary Ann McCoy ficou interessada ao ler *The Atonement and The Cleansing of the Sanctuary* (A Expição e a Purificação do Santuário) e começou a corresponder-se com os Pastores White e Loughborough. Mais tarde, Mary Ann McCoy, Edward



Young e Sarah Grace Young reuniram-se para estudar as doutrinas adventistas, e alguns meses antes da chegada de John I. Tay, eles se separaram da Igreja anglicana. Essa atitude dos três abalou a ilha, e a questão do sábado foi livremente discutida. Todavia, a guarda do domingo só foi abandonada depois da chegada do Sr. Tay.

### Um navio de guerra trouxe paz

Quem era esse Sr. Tay? Era o mesmo jovem carpinteiro que se deixou inflamar pelo desejo de proclamar sua fé em Pitcairn. Tay havia trabalhado em seis navios até conseguir alcançar este posto avançado. Finalmente chegou à ilha em Outubro de 1886 a bordo de um navio de guerra britânico.

Na primeira noite ali, ele falou na igreja e no outro dia visitou os lares. No dia seguinte, dirigiu um estudo bíblico sobre o santuário quando, então, alguns decidiram guardar o sábado. No fim de cinco semanas, todos os ilhéus estavam guardando o Dia do Senhor; e Tay voltou para a América num iate, a

fim de relatar os resultados do seu trabalho.

Diante da vastidão do Pacífico, das oportunidades surgidas para pregar o Evangelho ali e das dificuldades para obtenção de passagens para as ilhas, a Assembleia da Conferência Geral de 1889 votou operar nosso próprio navio-missão. A Escola Sabatina da América do Norte arrecadou 11.827 dólares, os quais, adicionados a outros donativos, atingiram 15:740 dólares. O custo final do navio-escuna de 123 toneladas somou 18.683 dólares. Recebendo o nome de *Pitcairn*, foi dedicado em 25 de Setembro de 1890, durante a Reunião Campal da Califórnia e partiu de Oakland em 20 de Outubro, rumando para a Ilha de Pitcairn.

O relatório da secretaria da Igreja continua: «Em 25 de Novembro de 1890, a escuna missionária *Pitcairn* chegou trazendo os Pastores Gates e Read, juntamente com as suas esposas respectivas e o Sr. e Sra. Tay. Em 6 de Dezembro, foram batizadas 81 pessoas numa piscina aberta na rocha. Trinta

e cinco foram batizadas pelo Pastor Gates e trinta e uma, pelo Pastor Read. No domingo que se seguiu, a igreja foi organizada e na outra semana, um outro batismo aconteceu: desta feita de 14 pessoas.

Quando o navio-missão partiu, no final de Dezembro, rumando para outras ilhas, levou três ilhéus de Pitcairn como os primeiros missionários nativos no Sul do Pacífico. Durante os dez

anos seguintes, o *Pitcairn* realizou seis viagens missionárias cruzando o Pacífico, desempenhando um papel vital em levar a mensagem adventista às ilhas desse vasto oceano onde séculos depois, «rebeldes» aos milhares continuam recebendo um «perdão real».

*In RA Brasileira. Antes da sua aposentação, Ron W. Taylor era Secretário da Divisão do Sul do Pacífico.*

## PARA OS MAIS NOVOS

# Duas Boas Amigas

MARIANA PALMA

Joana e Mónica são duas boas amiguinhas. Frequentam o mesmo colégio, a mesma classe, a mesma turma. Foi aí que se conheceram, e sentiram-se ligadas uma à outra por um desejo natural de expansão.

Os seus olhares, os seus segredinhos, a sua companhia constante não tardaram a ser notados e a despertar certa inveja em outras colegas, talvez por não terem encontrado ainda o meio de escoamento para a sua hilaridade infantil.

Ambas andavam pelos dez anos, caprichosos por passarem sempre de classe. Por maior coincidência faziam anos no mesmo dia, o que causava, a princípio, um certo embaraço, pois para o festejarem em sua própria casa, não podiam estar presentes na outra. Resolveram porém a questão fazendo a festa em domingos diferentes.

Adoradas pelos pais, tinham até o mesmo jeito de amuar quando alguma coisa não ia conforme os seus desejos.

Desta vez, embora não o confessassem, andavam am-

bas perplexas sobre a prenda a oferecer.

Em grande segredo, a Joana pediu à mãe que lhe desse uma sugestão, e o mesmo fez a Mónica. Mas acabaram por comprar conforme o seu agrado.

No dia da festinha, a Mónica mal chegou, entregou a prenda à Joana pedindo-lhe que só a abrisse ao apagar as velas. Assim foi.

A Joana, cheia de curiosidade rasgou o embrulho e levantou no ar a sua prenda, com um ar entre decepcionado e jubiloso. Era uma linda fita para o cabelo em veludo azul com miosótis de cambraia.

Era precisamente igual à que ela tinha para dar à Mónica.

Depois de falarem uma com a outra chegaram à conclusão de que as tinham comprado iguazinhas, na mesma loja, por sua escolha.

Após o desapontamento, a Mónica e a Joana abraçaram-se enlevadas e felizes.

*Mariana Palma é membro da igreja da Reboleira.*

## Ponta Delgada: Baptismos

A Igreja de Ponta Delgada também participou, e com alegria, na grande festa mundial de batismos.

Esta cerimónia, atractiva como desde a sua origem, congregou, além dos irmãos e amigos dos grupos periféricos, bastantes visitas da própria capital da Ilha de São Miguel.

Quatro almas, das quais três jovens, decidiram com Cristo subir ao Calvário, descer à sepultura e ressuscitar para uma nova vida que conduz à eternidade.

Na foto vê-se, em primeiro plano, a Noémia, seguida da Débora, Gilda e Glória. A Débora Maria Fontes Cabral é de São Ro-

que, P. Delgada, e a Noémia Amaral Melo, a Glória do Rosário Leocádio Feleja e sua mãe, Gilda da Conceição Leocádio Feleja, são candidatas do Grupo da Lomba de São Pedro.

As promessas do Senhor para o futuro da Sua Obra nas Ilhas é animador e não posso deixar de mencionar uma delas, lembrando, contudo, que a mesma encerra uma condição imperativa: «Santifiquemo-nos hoje porque amanhã o Senhor fará maravilhas no nosso meio». Da adaptação sou solidário.

**Mário Cabral dos Santos**  
Pastor



Da esquerda para a direita: Noemi, Débora, Gilda e Glória

## Coimbra tem mais encanto

Foi há três décadas que iniciámos a nossa militância adventista, em Coimbra. Foi há três anos que regressámos à terra que nos viu nascer, agora para exercer o pastorado, onde antes fôramos ovelha do redil. Mas, sob a direcção do Sumo Pastor, temos conseguido desmontar o velho ri-

fão: «ninguém é profeta na sua terra». Contudo, hoje apenas restam uma dezena de irmãos daqueles velhos tempos, firmes na fé e preciosos na colaboração.

Entretanto à igreja cresceu, e um novo Templo, há 23 anos, nasceu, pela mão do delicado pastor Eliseu. Lembro-me, quando



A juventude cantando na Inauguração do Templo de Santana.

estive doente, ele visitou-me, quando precisei de iniciar os estudos teológicos, diligenciou derubar os muros das dificuldades. Quando celebrarmos os «25 anos» do Templo de Coimbra, dentro de 2 anos, evocaremos a sua obra, condignamente.

Nestes breves 3 anos temos visto a mão de Deus ao leme da Sua Igreja. Queremos enumerar algumas das principais bênçãos sentidas.

### «A Fé dada aos Santos

Não há maior bênção que verificar que as décadas passam, mas «a fé dada aos santos» permanece incólume. Já dizia Paulo «nem a morte nos pode separar do amor que está em Cristo Jesus». Isto mesmo constatámos a quando do funeral do ir. Amadeu, em Janeiro último. Antes de morrer,

e, não podendo expressar-se, levantou a sua mão para o céu, querendo dizer a seu filho: «lá nos encontraremos».

Em Junho último, outro poderoso testemunho na Ressurreição constituiu o sepultamento do sr. António Brinca, marido da irmã Júlia, e pai da irmã Manuela Esteves. Foi um dos primeiros visitantes da primeira igreja de Coimbra, e aconteceu toda uma família e parentes se tornarem crentes e colunas na igreja. Foi há cerca de 6 décadas. Oh! «santa fé dos nossos pais, que inspira os ideais», e que permanece nos arraiais.

### 30 almas ganhas até Agosto

Neste triénio, 30 novos irmãos se entregaram a Cristo pelas águas baptismas. Uns são jovens, outros não. Mas todos contagia-



Um dos últimos batismos de 88, em Coimbra

dos estão por esse 'vírus' da salvação. Inédito foi o despertamento entre alguns desses jovens, que redundou num espírito missionário na cidade e vilas ao redor. Até nos cemitérios os Tições e Desbravadores levaram a Esperança e Vida! Decerto eles responderam aos apelos das mensagens da sociedade missionária local, e como resultados, mais de uma trintena de jovens e adultos pediram estudos bíblicos; até estudantes dos Açores.

### Visita do Arcebispo, Bispo Conde de Coimbra, e não só

Visitas especiais e festivas quem as não tem?! Nestes últimos anos recebemos visitas especiais. A primeira foi o Coro de Collonges-Sous-Salève, que actuou no auditório da Faculdade de Letras. Foi uma maravilha ouvi-los. Mas também eles foram maravilhados com a recepção da igreja. Até para a viagem a Espanha foram bem «abastecidos». No Penedo da Saudade, cantámos com eles «Coimbra tem mais encanto...». Uns meses depois foi um grupo vocal do Norte de França que actuou no mesmo local, com muito agrado. Na RDP-Centro, traduzimos uma entrevista. Em Junho último foi a vez da igreja espanhola de Gijón, Astúrias. A igreja, ou a parte mais activa, excedeu-se na hospitalidade. Muito agradecidos e encantados, eles pediram que retribuíssemos a visita, o que faremos na próxima Primavera.

Mas, mesmo assim, a visita que mais impacto deu e dará, foi

sem dúvida a que o sr. Bispo de Coimbra quis fazer à nossa igreja, no dia 1 de Junho. Uma semana antes esteve connosco, a prepará-la, o sr. prior da Sé Nova. O prelado da diocese, dialogou com os alunos da Escola, visitou as instalações que muito admirou e apreciou, até a mesa de vidro da Esc. Sabatina, e mesmo as flores expostas. O Prior pediu para mostrar o baptistério ao Sr. Bispo. Lá, entre jornalistas, ele pediu-me para explicar como baptizávamos. Entrei no baptistério e exemplifiquei. Após uma curta sessão de boas vindas na sala de culto, na presença de jornalistas e uma dezena de irmãos, fiz a entrega do livro «Os Adventistas... crêem» ao bispo diocesano, que agradeceu a simpatia e fraternidade com que foi recebido e prometeu, «quando necessitarem de alguma coisa da nossa parte façam o favor de dizer...» E vamos aproveitar, quando for preciso. Sobretudo ficou o impacto na cidade e distrito. Já ninguém terá preconceitos de entrar na nossa igreja ou escola. Foi sobretudo uma forma de divulgar as nossas crenças e nome, em particular, na reportagem de página inteira com a foto do pastor local a entregar livro ao sr. Bispo, e com título de primeira página: «PERESTROIKA RELIGIOSA, BISPO VISITA IGREJA EVANGÉLICA DO 7.º DIA, no semanário *Jornal de Coimbra*, e outras notícias no *Diário de Coimbra* e rádios locais.



### Outros Êxitos, outras Bênçãos

Nestes três anos a nossa igreja foi abençoada com novos valores que despontam na música, e destreza instrumental. Consagrado é já o caso do Prof. Luís Batalha, que compôs a música que com o Grupo 'Adonay' alcançou o 1.º Prémio do Festival de Lisboa-88.

No festival de Poesia, em Leiria, a igreja de Coimbra colaborou no júri com duas irmãs, tendo também abrilhantado na declamação, que a muitos beneficiou.

No Festival de Bíblia, de Santarém, entre 9 finalistas, à nossa igreja foi creditado o 1.º e 2.º prémios (viagem a Itália), respectivamente, ao Marcos Daniel e Paulo José, que responderam às perguntas ciosamente guardadas pelo Departamental da JAP. E já agora, duas palavras para os 1.º e 2.º Festivais de Sumos, que apuraram as mais avançadas técnicas de produzir o 'fruto da vide' para mais condignamente celebrar futuras Santas Ceias.

### Consagração ao Ministério

No dia 21 de Abril, tivemos o privilégio de assistir e participar, na consagração de três novos pastores: o Rogério Fernandes, o Mário Cabral, e o Eduardo Teixeira. Presentes muitos irmãos, pastores e até professores que desceram do Luso onde se encontram em convenção. A União, através dos seus dirigente e da Associação Pastoral, presidiu e organizou tão solene acto. Gostámos e registámos uma frase de um dos novos pastores, quando davam o seu testemunho: «o pastor é a única ovelha que não tem pastor.» Assim sendo, resta-nos esperar no nosso Sumo Pastor.

### Despedida de uma professora, após 40 anos de trabalho

A prof. Maria Amélia Pavia, após quarenta anos prestigiados de serviço no ensino, despediu-se da Escola, onde ultimamente leccionara por 12 anos, tendo também trabalhado no Bongo, em Lisboa, etc. A Igreja, reconheci-

da, preparou-lhe uma festinha de gratidão e despedida, com um lanche, prendas, flores, surpresas e lágrimas. O *Diário de Coimbra* deu importante notícia, ilustrada com fotografia e extenso historial da sua carreira. Parafraseando com Paulo, decerto que «o seu trabalho no Senhor, não foi em vão». Seguiu-se um Concerto de Piano, a favor da Escola, pelo prof. Luís Batalha, o qual foi muito aplaudido e apreciado. O prof. Jorge Branquinho virá render a nossa irmã jubilada, que muito deu à nossa Escola. Aliás, esta dá sinais de evoluir positivamente, agora com uma refeiçao e ensino de uma língua estrangeira.



ra. Possui também um grande cubo-anúncio, onde tudo isto é publicado, aos transeuntes.

### Projectos importantes para o futuro

O primeiro é terminar a capela de Touregas, inacabada desde há 18 anos. Agora já temos a licença de reconstrução, que conseguimos isenta de taxas. O segundo, a iniciar em breve, são as obras do Templo de Serpins, cujo projecto da autoria do jovem engenheiro Ricardo, já deu entrada na Câmara da Lousa, neste Verão. O terceiro é realizar a maior Campanha de Evangelização na Região, com início ainda este ano, com seminários vários (Nutrição, Família, Daniel, etc.). O Pr. Nunes advertia-nos que o inimigo vai irar-se. Se ele enviar os seus emissários samaritanos para nos desviar destes projectos diremos com Neemias: «Não desceremos, estamos realizando uma importante obra.»

Maranata.

**D. Simões da Silva**  
Pastor

## Paivas: 3 baptismos

O dia 8 de Setembro foi um dia de regozijo muito especial para a nossa igreja das Paivas. Pela manhã celebramos a Santa Ceia e pelas 17 horas vimos descer às águas baptismas três preciosas almas: a irmã Maria José Silvestre e a jovem Liliana, das Paivas, e a jovem Guiomar da igreja, de Corroios.

Como todos sabemos, os momentos mais ditosos que uma igreja pode viver são os da reco-

lha dos frutos da sementeira. Por esse motivo não podemos deixar de partilhar esta alegria com todos os leitores da *Revista Adventista* para que também se alegrem connosco.

É nosso desejo e oração que todas as igrejas possam viver, muitas vezes, momentos felizes como estes.

**A. Echevarria**  
*Pastor*



*Os três novos membros com o pastor e esposa*

## Escola do Funchal: Actividades de 1990

Cerca de 90% de sucesso escolar, a maciça procura de pais que na escola pretendem matricular os seus filhos, mas sobretudo a afeição demonstrada pelos alunos para com os princípios cristãos nela ministrados, leva-nos a afirmar que, na Escola do Funchal, 89/90 foi um ano ricamente abençoado por Deus. Recordar casos de alunos que recorriam aos princípios cristãos contidos nas histórias bíblicas a fim de solucionar problemas surgidos, ou o de um aluno que no final da 1.ª

classe procurava já regularmente a leitura da Bíblia, dá-nos a satisfação de concluir que não é em vão que trabalhamos para o Senhor.

Assim, após um ano tão bem sucedido, encerrado a chave de ouro com uma bonita festa de Fim-de-Ano, resolvemos dar continuidade ao trabalho realizando, em Julho, uma Escola Cristã de Férias. E, embora a participação não tenha sido muito numerosa, não podemos deixar de salientar o facto de 70% dos alunos



*Escola Cristã de Férias no Funchal*

serem filhos de pais não Adventistas — os quais, na Festa de Encerramento, não deixaram de agradecer e enaltecer o trabalho realizado. «Bendito seja o Senhor

que de dia em dia nos cumula de benefícios.» — Sal. 68:19.

**Jorge Branquinho**  
*Professor da Escola do Funchal*

## Notícias de Matosinhos

Há muito que a pequena igreja de Matosinhos não dá notícias das suas actividades. Juntamo-nos neste mês a outras igrejas irmãs para dar conta da nossa existência e vida.

A igreja continua a bater-se pelo seu grande sonho: — Termos, um dia, um templo próprio. Os últimos 10 anos provaram que só

podemos pensar numa verdadeira expansão da Igreja nesta cidade quando tivermos condições que se coadunem com o grande progresso que mesma tem feito em termos urbanísticos, sociais e materiais. Já foi dado recentemente um passo muito importante para a obtenção do que desejamos. Uma Comissão da nossa



*Alunos que frequentaram em Matosinhos o Curso de Monitores da Escola Sabatina.*



Os desbravadores de Matosinhos no Parque Nacional do Gerês

igreja foi recebida na Câmara Municipal tendo em vista a possibilidade de se encontrar um terreno para a construção duma igreja. A maneira muito acolhedora como fomos recebidos na Câmara, o tempo que nos dedicaram e os diálogos travados dão-nos bastante esperança de vermos resolvidos os nossos problemas. Naturalmente que agradecemos também as vossas orações.

Durante o mês de Março levámos a efeito um curso de monitores da Escola Sabatina, que se prolongou por 5 semanas. Não sabemos se o mesmo se passa noutras igrejas, mas temos experimentado ultimamente uma grande dificuldade em encontrar monitores para a Escola Sabatina, e essencialmente por esta razão fizemos este curso. Os irmãos terminaram o curso com uma nova coragem e pensamos que alguns jovens se tornarão monitores nos futuros meses.

Durante o mês de Junho tivemos uma campanha evangelística muito bem frequentada pelos membros da igreja, mas que não teve o seu correspondente em termos de visitas. E foi pena, porque os temas foram aliciantes: A Europa na Profecia; Perspectivas contemporâneas. Foi com satisfação que pudemos seguir as grandes linhas das profecias — sobretudo de Daniel — e vermos agora a convulsão que se está a produzir na Europa e que vai na

direcção do cumprimento dessas mesmas profecias.

Ainda no final de Junho, a igreja organizou uma visita a Viseu, tendo-nos demorado particularmente junto dos irmãos daquela igreja. O passeio decorreu num dia magnífico de sol e céu azul. A manhã foi dedicada a visitar a cidade, mas todos ansiávamos pela tarde em que iríamos conhecer pela primeira vez a Casa de Deus em Viseu e pelo convívio com os nossos irmãos. A nossa expectativa em nada foi iludida, e, pelo contrário, os irmãos receberam-nos com requintes de amabilidade, que excederam as perspectivas. Tivemos uma belíssima reunião missionária pelas 16 horas, com cânticos, música, poesia, projecções, relatos de experiências, etc. Depois, os irmãos de Viseu ofereceram-nos um verdadeiro banquete com uma gentileza tal que nos cativou desde o primeiro momento, e em seguida, tivemos uma hora de reunião social com jogos recreativos próprios do momento que ali estávamos a passar. Agradecemos muito à igreja de Viseu pela demonstração do seu amor cristão e em particular ao pastor Casaquinha e Esposa pelo seu esforço, simpatia cristã e boa vontade em nos receberem.

Com a chegada de Agosto e Setembro, os mais novos acorreram aos Acampamentos organizados a nível da União e levaram a ca-

bo alguns acampamentos por iniciativa própria. Particularmente interessante foi o acampamento no Gerês, onde se juntaram os nossos Desbravadores para confraternização e partilha dos seus valores espirituais. Sol abundante, céu azul, montanhas verdejantes e águas límpidas. Voltaram felizes e cheios de renovadas forças.

Brevemente teremos uma cerimónia de baptismos e estão sendo feitos planos para que neste próximo ano as actividades da igreja possam decorrer harmoniosamente e com bons resultados.

**J. M. Matos**

*Pastor das Igrejas de Ermesinde e Matosinhos*

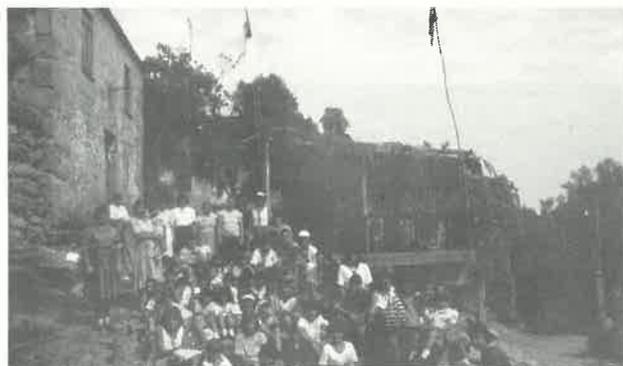
## Projecto 70: Escola Cristã de Férias numa Aldeia isolada da Serra do Gerês

O «Projecto 70», formado por um grupo de vinte jovens de diversas igrejas (Central, Cascais, Amadora, Porto, Braga, Caldas da Rainha e Queluz), fez no passado mês de Setembro a sua saída para Ermida, uma pequena e isolada povoação na Serra do Gerês.

Houve distribuição de roupas, alimentos, Bíblias, folhetos, revistas *Sinais dos Tempos* e duran-

te cerca de 2 semanas estes nossos jovens realizaram uma Escola Cristã de Férias com uma assistência de mais ou menos 40 crianças.

Felicitemos este grupo pelo belo trabalho realizado. Que o Senhor continue abençoando e inspirando os nossos jovens para que através de seu testemunho, muitas pessoas possam vir ao conhecimento de Jesus.



## Macedo de Cavaleiros e Bragança: Colóquio-debate sobre a Droga

A Droga e a sua problemática era o tema do colóquio organizado pelo Serviço Educacional *Saúde e Lar* e clube de Desbravadores. Macedo de Cavaleiros e Bragança foram os lugares escolhidos. Assim, lançámos mãos à obra, contactando as entidades, Governador Civil, Comandante da Polícia, Presidente da Câmara, rádios locais. Todos apoiaram a nossa iniciativa. Afixámos cartazes, demos entrevistas na Rádio, etc.

Os primeiros frutos aparecem, o telefone toca. A escola secundária de Macedo de Cavaleiros deseja um programa para os alunos da Escola; de Bragança, é a Escola Secundária Emídio Garcia que o reclama. Teremos de nos desdobrar. Os palestrantes aceitam o desafio.

Depois de viajarem quase toda a noite desde Lisboa, chegaram o Pr. Júlio Carlos, a Isabel, e a Lília Tavares. O médico é o Dr. Raul de Sousa, que gentilmente aceitou a dar a sua colaboração.

Assim às 13 horas do dia 23 iniciámos em Bragança o programa, para regressarmos a Macedo de Cavaleiros onde, às 17 horas, realizávamos o segundo colóquio para as camadas estudantes, e às 20 horas o local era a Casa do Povo de Macedo, à qual a população acorreu. Os resultados são bem positivos. Cerca das 23 horas termina a maratona deste dia. O programa de Sábado teve lugar no Auditório Paulo Quintela, e também ali a realidade excedeu a expectativas.

Entre os presentes, algumas entidades locais. Como nos outros Colóquios, surge o debate que os palestrantes vão respondendo. Chegamos ao fim com a certeza do dever cumprido. Dias mais tarde chega-nos a informação de que tudo ultrapassou as expectativas. A rádio também adere e o assunto continua sendo falado. «Quando realizam outro?»

Para os participantes, Pr. Júlio Carlos, Isabel, Lília Tavares, Drs. Raúl de Sousa e Fernando

Andrade, vai o nosso apreço e gratidão pela disponibilidade e espírito de serviço, no qual incluímos as duas recepcionistas, Sónia e Anabela.

Como disse Jesus, devemos amar-nos uns aos outros, e isto

passa pela promoção do bem-estar físico e moral das comunidades em que a igreja está inserida.

**José Vale Dias**  
Colportor-evangelista

## SABOR III — Montezinho

Organizado pelo Clube de Desbravadores do Nordeste, realizou-se o III Acantonamento Sabor.

Cova de Lua foi o lugar escolhido no parque Natural do Montezinho, próximo de Bragança.

Conhecer a natureza e o nosso melhor Amigo foi o objectivo. Sexta-feira à tarde foi o momento da concentração e partida para Bragança onde nos aguardava um autocarro para nos levar ao destino à Casa florestal, cedida por gentileza da Administração florestal de Bragança.

ga quem lá esteve! O desfile e o Rally do Burro» foi demais! A pista às 4 da manhã foi uma experiência única, mas valeu a pena ver o sol nascer!

Actividades desportivas e contacto com os moradores da aldeia, reunião social, depois de recordar o «Sabor II» (obrigado igreja de General Roçadas!) completaram o programa.

O Pr. António Rodrigues teve a seu cargo a parte espiritual levando os jovens a buscar no exemplo de homens como Abraão, Moisés e Daniel, a for-



No sábado, os jovens reuniram-se por grupos, discutindo entre si o tema apresentado, que depois foi analisado em conjunto.

À tarde, em Bragança, foram distribuídos 400 postais do Curso «A Voz da Esperança» e 100 revistas *Sinais dos Tempos*. Às 15 horas, no Auditório Paulo Quintela, os jovens assistiram ao Colóquio «A Droga e a Sua Problemática».

Chegava ao fim o dia de Sábado. No domingo, os jovens deram azo à sua criatividade. Que o di-

ca, fé e poder de Deus, que era o tema.

As despedidas são sempre tristes, mas era o momento de cada um regressar às suas famílias. Todos levavam na memória o que é «Ser Jovem» em 1990. O nosso obrigado pelo auxílio prestado pelos pastores Júlio Carlos, Isabel, Lília Tavares e António Rodrigues, pela Leta Dias, responsável local do clube de Desbravadores.

**José Vale Dias**  
Colportor-evangelista

# ÍNDICE 1990

Não se inclui o número de Outubro, que contém a Semana de Oração (Adultos e Crianças) e que tem por título: «Parábolas de Preparação».

Aconteceu em Lisboa. *Pietro Copiz*. Jun., p. 10.

ADRA — Partilhando as Bênçãos de Deus. *Ralph Watts, Jr.* Fev., p. 7.

Ânimo no Senhor. *Enoch de Oliveira*. Dez., p. 7

Ano do Professor Adventista: 1989-1990. *Pietro Copiz*. Jan., p. 4.

Ano Novo em Bucareste. *Ulrich Frikart*. Fev., p. 21.

Aritmética de Deus. *Natelkka Burrell*. Jan., p. 6.

Árvore e o Homem, A. *Jean-Jacques Henriot*. Jul., p. 6.

AWR, Uma Voz sem Fronteiras: Entrevista a Túlio Haylock. *Myron Widmer*. Mar., p. 10.

Baptismos no Colégio Adventista de Oliveira do Douro. *Olga Mota*. Jun., p. 11.

Bicentenário da Ilha de Pitcairn. *Ron W. Taylor*. Dez., p. 11

Cego Bartimeu, O. [Para os Mais Novos]. *Alice Pickett*. Nov., p. 8

Céu Sim! É importante, O. *Gerard Colvin e Ray N. Montgomery*. Mar., p. 17.

Cidades, o Quarto Mundo. *Ivan Leigh Warden*. Fev., p. 11.

Colheita 90. *J. Morgado*. Maio, p. 3.

Colheita 90: O Desafio Final. *Carlos Aeschlimann*. Maio, p. 14.

Conferência Geral 1990. *J. Morgado*. Jul., p. 3.

Conferência Geral 1990: Contagem Regressiva. *Dep. Comunicações da Conf. Geral*. Abr., p. 14.

Congresso de Jovens. *José Carlos Costa*. Maio, p. 8.

Consagração de Senhoras ao Ministério Pastoral. *J. Mager*. Abr., p. 19.

Crianças são diferentes, As. *Ali- ce Lowe*. Mar., p. 15.

Cristãos num mundo em necessidade. *William Johnsson*. Fev., p. 3.

Culto familiar, O. *António Carvalho*. Mar., p. 9.

Depois de 1990: Sombras e Claridade. *G. Stényeny*. Dez., p. 10

Dez Vantagens do Curso de Doutrina em Oliveira do Douro. *Ernesto Ferreira*. Jun., p. 2.

Dia Mundial do Não-Fumador. *Luís Nunes*. Abr., p. 12.

Diferença está no Professor, A. *K. Eugene Forde*. Jun., p. 12.

Ecologia e Vida. *Eunice Dias*. Jul., p. 9.

Ecumenismo, uma nova religião? *J. Morgado*. Mar., p. 3.

Ellen White e a Obra Social. *Calvin B. Rock*. Fev., p. 8.

Escavação Arqueológica em Jerusalém. *Paulo Bork*. Abr., p. 9.

Está começando a chover. *Raph Thompson*. Ag./Set., p. 9.

Encontros Agradáveis. *J. Morgado*. Ag./Set., p. 25.

Estratégia Global. *Ulrich Frikart*. Abr., p. 13.

Estratégia Global da Igreja Adventista. *Doc. da Conferência Geral*. Jan., p. 10.

Estratégia Global e os Pobres, A. *Neal C. Wilson*. Fev., p. 5.

Estudantes Portugueses nos E. Unidos. *J. Morgado*. Ag./Set., p. 24.

Etiópia, a tragédia da fome crónica. *Mário Ochoa*. Fev., p. 9.

Evangelho e Ecologia. *John Graz*. Jul., p. 4.

Evangelho a Todo o Portugal através da Rádio. *A Nunes*. Maio, p. 13.

Existia a Lei dos Mandamentos de Deus antes de ser promulgada no Sinai? [Est. Bíblico]. *Carlos Santos*. Mar., p. 12.

Faze-me como a Árvore [Poesia]. *Isolina Waldvogel*. Jul., p. 5.

Função do Espírito de Profecia na Preparação da Crise Final, A. *M. N. Cordeiro*. Maio, p. 4.

Grande Desafio 1990-1995, O. *U. Frikart*. Ag./Set., p. 27.

Grandes Desafios exigem Grandes Sacrifícios. *E. Ludescher*. Fev., p. 2.

Grandes Possibilidades Graças a Mensagem através da Rádio. *E. Amelung*. Mar., p. 2.

História da Capela na Quinta da Capela. *J. M. Matos*. Maio, p. 15.

Igreja: Relações Internas e Comunicação, A. *José Carlos Costa*. Abr., p. 11.

Igreja em Territórios de Língua Portuguesa. *J. Morgado*. Ag./Set., p. 19.

Igrejas de Língua Portuguesa nos E. Unidos. *J. Morgado*. Ag./Set., p. 22.

Impressões da Assembleia da Conferência Geral. *J. Morgado*. Ag./Set., p. 3.

Indianópolis. *G. Stényeny*. Jul., p. 2.

Indianópolis 90: A Conferência Geral dia a dia. *John Graz*. Ag./Set., p. 13.

Investimento. *J. Morgado*. Jan., p. 3.

Jesus, o Maio Comunicador. *Assad Bechara*. Jan., p. 8.

Jovens também são o Exército de Deus, Os. *José Carlos Costa*. Nov., p. 3

Leila decide ajudar [Para os mais novos]. *M. R. Baptista*. Fev., p. 19.

Missão Global. *J. Morgado*. Nov. p. 3

Na Noite Azul do Teu Aniversário. *Myrtes Matias*. Dez., p. 2

Natal e Dádiva Inesquecível. *M. N. Cordeiro*. Dez., p. 4

Nós O veremos nas Alegrias da Verdadeira Adoração e Observância do Sábado. *George Brown*. Dez. p. 5

Nós O veremos nas Maravilhas da Criação. *Ariel Roth*. Nov., p. 4.

Obra Educativa em Portugal, A. *Gustavo Samuel Grave*. Mar., p. 8.

O que causa a fome no mndo. *Tom Dybdahl*. Fev., p. 6.

O que é que a igreja está fazendo em relação à Pobreza? *Myron Widmer*. Fev., p. 12.

O que há de específico e único na Educação Adventista? *John M. Fowler*. Jun., p. 4.

O que se espera do Professor Adventista. *Pedro Apolinário*. Nov., p. 10

«Os que a muitos ensinam». *G. L. Plubell*. Jun., p. 6.

Pão de Deus, O. *Mariana Mendes Palma*. Maio, p. 7.

Perfil do Novo Presidente da Conferência Geral. *William Johnsson*. Ag./Set., p. 7.

Por amor aos outros. *José Carlos Costa*. Fev., p. 16.

Potente Estação de Rádio na Europa, Uma. *E. Ludescher*. Maio, p. 2.

Prioridade Inadiável, Uma. *Gustavo Samuel Grave*. Jun., p. 3.

Problema Ontológico da Tentação de Jesus, O. *Ilídio N. Carvalho*. Abr., p. 8.

Quem disse que as Dorcas morreram? *M. R. Baptista*. Fev., p. 17.

Quer ser infeliz? Então experimente! *Daniel Esteves*. Jul., p. 11.

Reavivamento começa por mim, O. *William Johnsson*. Mar., p. 5.

Revolução e Despertamento na Europa de Leste. *E. Ludescher*. Abr., p. 4.

Robert S. Folkenberg: novo presidente da Conferência Geral. *Carlos Medley*. Ag./Set., p. 6.

Sacramentos em face das Escrituras, Os (parte I). *J. M. Matos*. Nov., p. 9

Sacramentos em face das Escrituras, Os (parte II) *J. M. Matos*. Dez., p. 8

Sal da Terra, O. *G. Stényeny*. Abr., p. 2.

Semana de Extensão Missionária 1990. *U. Frikart*. Ag./Set., p. 26.

Semeador saiu a semear, O. *José Carlos*. Mar., p. 6.

Se os meus pais tivessem sido Adventistas. *J. M. Matos*. Mar., p. 11.

Suicídio, O. *Calvin B. Rock*. Mar., p. 18.

Surgimento da Igreja Adventista Portuguesa em Lowell. *David Barrozo*. Ag./Set., p. 23.

Televisão e Rádio. *J. Morgado*. Abr., p. 3.

Tempo — É quase meia-noite, O. *Deolinda Teixeira*. Nov., p. 6.

Teus Pés, Senhor, Os. *Daniel Pereira Cordeiro*. Abr., p. 6.

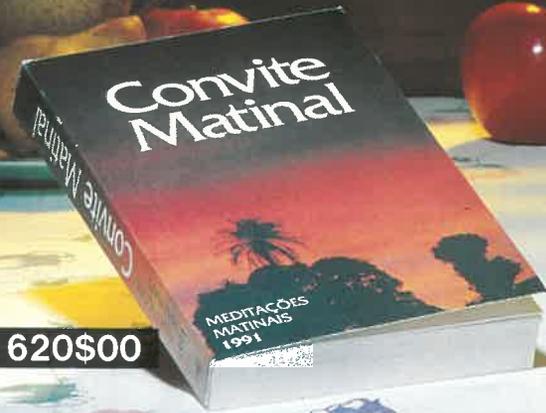
Trabalho Missionário, a maior bênção [Ide e Pregai]. *Mário Brito*. Jan., p. 5.

Traços da Tua Mão [Poesia]. *Isabel Nobre Cordeiro*. Abr., p. 15.

Um Mundo que carece de um Salvador. *J. Morgado*. Dez., p. 3

# Meditações Matinais para 91

Estas Meditações convidam-nos a reservar cada manhã alguns momentos para reflexão e oração.



620\$00

Faça já o seu pedido à:  
**Sociedade Missionária**  
da sua Igreja

A book with a dark, textured cover featuring a harp illustration. The title 'Cantai ao Senhor' is written in a cursive font. The book is shown next to an acoustic guitar.

REEDITADO

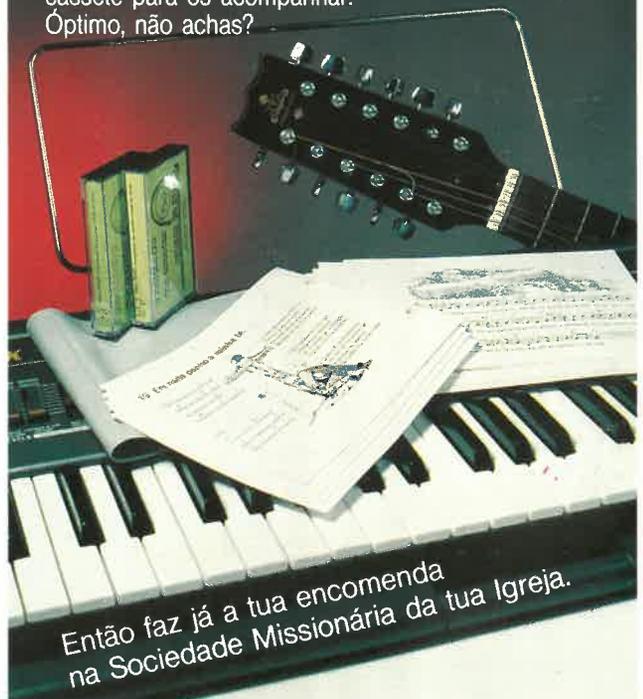
750\$00

Já pode adquirir o hinário  
«Cantai ao Senhor»

Faça o seu pedido  
à **SOCIEDADE  
MISSIONÁRIA**

## PSALTÉRIO O TEU HINÁRIO JOVEM

Aqui estão cânticos que tu conheces e outros mais. É um hinário com música e com acordes para guitarra. Tens ainda cânticos da Escola Cristã de Férias e uma cassette para os acompanhar. Ótimo, não achas?



Então faz já a tua encomenda  
na Sociedade Missionária da tua Igreja.